

Espiritualidade ACI | Caderno I

Margarita Agustí, a.c.i.

Um caminho Uma vida

HISTÓRIA DE
SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO
CORACÃO DE JESUS

Títulos disponíveis nesta colecção

- 1 - *Margarita Agustí, a.c.i.*, Um Caminho, uma Vida História de Santa Rafaela Maria
- 2 - *Eduarda Barata, a.c.i.*, Santa Rafaela Maria Características Humanas
- 3 - *José Luís Martín Descalzo*, Santa Rafaela Maria Perfil de Santidade (Tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*)
- 4 - *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*, Santa Rafaela Maria e a Eucaristia
- 5 - *Nuria Martínez Gayol, a.c.i.*, Eucaristia, Espaço de Reparação

www.aciportugal.org

Objectivo

João Baptista, com poucas palavras, indicou Jesus como o enviado de Deus e os seus discípulos deixaram-no, foram atrás do Messias e ficaram com Ele. Isto escreveu João Evangelista, um dos que estavam ali, no seu Evangelho.

O Baptista conseguiu. Este é o objectivo destas poucas páginas: apresentar uma grande mulher. Gostava que te desses conta que sabes pouco de Rafaela Maria e que sentisses o desejo de te aproximares dela e de começar com ela uma relação pessoal.

Gostava que descobrisses a força suave da sua personalidade, o que fazia vibrar o seu coração, o que «a fazia cantar». Para saberes isto e para saberes também quando sofreu e como soube responder sempre com amor, tens que fazer como os discípulos que seguiram Jesus: «acompanharam-no, viram onde morava e ficaram com Ele».

Tu também precisas de tempo para esse conhecimento. Estas páginas são apenas um gesto, um sinal.

O momento histórico de Rafaela M^a é muito diferente da nossa realidade social. Coloca-te no seu tempo, entra no seu ambiente e, a partir daí, participa. Não é um jogo ou uma interpretação qualquer; é descobrir como ela se apaixonou por Jesus Cristo e como lhe foi sempre fiel.

A sua história começa

Em Pedro Abad, numa aldeia de Córdoba (Espanha), nasceu Rafaela M^a no dia 1 de Março de 1850. Era a mais nova de uma família numerosa e cresceu com as vantagens e inconvenientes que isso traz consigo. A vantagem é crescer depressa, porque os mais velhos abrem caminhos. A desvantagem é que se faz, quase sempre, o que os mais velhos escolhem. Duas irmãs e um irmão morreram quando eram ainda muito pequenos. Assim, para as brincadeiras, ficava apenas outra irmã, quatro anos mais velha que Rafaela. Chamava-se Dolores. Os outros irmãos eram rapazes e mais velhos.

O pai chamava-se Ildefonso e era o presidente da Câmara na sua terra. Desempenhou sempre o seu cargo como um serviço aos outros. O seu estilo de justiça levava-o à generosidade. Morreu aos quarenta e sete anos por enfrentar a situação de risco que era, naquele tempo, a epidemia de cólera. Fez-se solidário com os que não podiam fugir e lutou com o seu povo para vencer a doença, mas foi contagiado e morreu servindo os doentes.

A sua esposa, Rafaela, teve que ficar à frente de tudo. Soube fazê-lo bem. O clima familiar não se tornou triste, e os seus dez filhos fizeram o seu caminho apoiados na ternura da mãe. A sua saúde era mais fraca do que o seu carácter e o seu coração falhou. Morreu aos 54 anos. Rafaela Maria esteve ao pé dela naquela noite. Foi um momento chave na sua vida. Anos mais tarde escreveu: «*A morte da minha mãe a quem eu fechei os olhos...*»

Desde esse momento, Dolores e Rafaela Maria começaram a ter uma relação mais profunda e ficaram muito unidas. O luto fê-las abandonar as

viagens e festas em que tinham participado sempre. Até então, tinham feito parte de um mundo brilhante que distrai e pode até hipnotizar, porque o que é agradável e atraente tem força suficiente para distorcer uma escala de valores que não esteja firmemente enraizada. Não foi assim, neste caso.

Rafaela Maria tinha dezanove anos quando a mãe morreu. Participava na vida social que o seu ambiente lhe oferecia desde os catorze sem, no entanto, se deixar prender pelo seu encanto. Tinha quinze anos quando, sem dizer nada a ninguém, fez voto de castidade. Isso significa que, nessa altura, ela tinha feito já a sua opção fundamental: Jesus Cristo seria o seu maior amor.

Disse Rafaela Maria que a morte da mãe lhe «abriu os olhos». Agora que conhecemos o caminho completo da sua vida, podemos dizer que aquela ferida foi uma luz que fortaleceu a sua decisão. Não houve mudança de rumo, simplesmente ela foi-se enraizando cada vez mais em Deus, *«no Deus imenso, capaz de criar coisas novas e grandes que nos maravilham e hão-de mover-nos a corresponder com alegria...»*. São palavras suas.

Ao ficarem sozinhas, a ruptura das duas irmãs com o seu meio social foi completa. A família não entendeu. Dolores disse, anos mais tarde *«que foi uma luta terrível»*. Elas lutavam para defender a sua escolha. *«O Senhor, a quem o pobre representa, pede para ser servido e por nada devemos recusar»*. Seus irmãos, que sempre as tinham protegido, viam que elas faziam «coisas estranhas». Já conheciam as suas atitudes de serviço e sacrifício, mas achavam que tudo tinha um limite e que não era preciso exagerar tanto. Para evitarem choques com a família, as duas irmãs procuravam agir às escondidas, saíam pela porta das traseiras e procuravam a cumplicidade dos criados mais fiéis.

As reuniões familiares continuavam. Todos gostavam de organizar e participar nessas reuniões, mas Rafaela e Dolores tinham uma sensibilidade mais profunda. Rafaela conta uma dessas festas a uma amiga; tinham-se divertido... tinham-se sentido bem... e termina dizendo: «***Se nos divertimos tanto nesse dia, pensava eu, como será quando estivermos todos juntos no céu?***». A maioria de nós lembramo-nos de Deus quando precisamos, e de «Sta. Bárbara quando tropeja». Rafaela é capaz de pensar no céu – a grande festa do Pai – quando está em festa. Anos mais tarde, nas suas cartas, encontramos muitas vezes referências às conversas e festas de família, quando fala do céu. Ela devia ter ser muito feliz, em casa.

Neste novo estilo de vida foi o pároco, o Pe. José Maria Ibarra, quem muito as ajudou. Rafaela via a mão de Deus no trabalho daquele sacerdote e procurou nele orientação espiritual. Naquela altura, ela perguntava-se a si mesma o que havia de fazer da sua vida.

Rafaela tinha boas possibilidades. Era forte, tinha bons sentimentos e não necessitava de muitos estímulos. O pároco teve apenas que ir fazendo sugestões e acompanhar o processo. Abriu-lhe um amplo horizonte e vigiou para que toda a sua força e alegria fossem por caminho seguro.

Não lhe tirou entusiasmo, que é generosidade.
Não lhe evitou as dificuldades que fazem parte da vida.
Não lhe tirou nada, orientou-a na profundidade da oração.
Deu-lhe serenidade, que é a verdade, autenticidade.
E indicou-lhe uma única direcção: Jesus Cristo.
Como exemplo, mostrou-lhe Maria.

E Rafaela M^a, acompanhada por Dolores, sua irmã mais velha, dedicou-se a uma vida de caridade para com todos, de entrega e oração.

«Durante muito tempo fomos servidas, agora devemos ser nós a servir a Deus e aos outros», diziam elas – e cumpriam-no.

O ritmo de vida das duas irmãs levou-as a procurar na vida religiosa a radicalidade que a força do seu amor exigia. Falaram com o pároco, José M^a Ibarra, e este encaminhou-as para os responsáveis da Diocese.

As suas vidas e os seus bens ficaram à disposição do plano que estes achassem mais conveniente. A Rafaela e Dolores custou-lhes muito deixar a sua terra, deixar a sua casa, deixar a sua gente para seguir Jesus Cristo; e tiveram que o fazer às escondidas da família.

Dirigiram-se para Córdova e ficaram no convento das irmãs Clarissas à espera que lhes indicassem a melhor maneira de responderem ao chamamento de Deus. As autoridades diocesanas pensaram que elas poderiam realizar o seu ideal nas irmãs Salésias de Valladolid. Punham-lhes apenas uma condição: estarem dispostas a serem as «últimas». Elas estavam disponíveis para tudo.

Estavam disponíveis, mas o responsável diocesano ficou doente e elas tiveram que esperar. Neste intervalo de tempo, chegou a Córdova um novo sacerdote: António Ortiz. Vinha de Roma, tinha fama de ser um bom director espiritual e de ter muita cultura. Tomou conhecimento do projecto de Valladolid, mas fez uma nova proposta: ficarem em Córdova e abrirem um colégio com a religiosas francesas de Maria Reparadora. Faziam falta escolas católicas em Espanha. Elas aceitaram.

O caminho continua

Deus tinha falado, mas ainda não tinha dito a última palavra.

Rafaela e Dolores começaram a sua vida religiosa como humildes aprendizes. Viviam numa casa que possuíam na cidade e com os seus bens pagavam todos os gastos. Mas, apesar disso, eram as «últimas». Obedecer, aprender, estar disponíveis para qualquer serviço entrava plenamente no seu projecto de renúncia, «desde que alcançassem a Cristo» como dizia S. Paulo. Depois deste tempo de aprendizagem começaram o noviciado, decididas a chegar até onde Deus as queria levar.

Segundo o costume da época, mudaram de nome. Dolores passou a chamar-se M^a do Pilar e Rafaela M^a chamou-se M^a do Sagrado Coração. Ela fez do seu novo nome um lema. Tudo o que era seu, seria do «Sagrado Coração». Seriam d'Ele as iniciativas e os êxitos. Procuraria n'Ele a força e o entusiasmo, a constância e o sorriso. As ideias e os métodos seriam tirados do Evangelho. A sua vida seria de Jesus Cristo.

Segundo parecia, todos estavam satisfeitos, mas nem tudo corria bem. Surgiram dificuldades entre as irmãs Reparadoras e o Senhor Bispo, e estas regressaram a Sevilla.

A maior parte das noviças ficaram em Córdoba. A separação foi dolorosa pois com as irmãs Reparadoras tinham aprendido a ser religiosas e a viver a fraternidade em comunidade. Tinham aprendido a riqueza do despojamento que os votos de pobreza, castidade e obediência, supõem e também com elas tinham descoberto o tesouro do seu carisma eucarístico. «*Pôr Cristo à adoração dos povos*» será uma meta da vida de Rafaela Maria.

O Bispo nomeou Rafaela M^a – M^a do Sagrado Coração – como superiora daquela comunidade de 16 noviças. Ela queria ser a última, mas puseram-na como cabeça. E foi cabeça e coração. Dolores – M^a do Pilar – aceitou a difícil tarefa de resolver os problemas económicos e as necessidades quotidianas. Desde há anos era ela quem administrava a casa da família em Pedro Abad, pelo que tinha capacidade e experiência para esse cargo.

Tudo parecia estar no bom caminho, mas... quando as noviças se preparavam para fazer os votos e prometer obediência ao Sr. Bispo, souberam que este tinha modificado substancialmente as Regras de Sto. Inácio que as irmãs Reparadoras lhes tinham deixado e que elas tinham aceite. O Bispo queria adaptá-las, enriquecê-las, mas os pontos substanciais eram irreconhecíveis. Ninguém podia obrigá-las a aceitar uma coisa que elas não queriam e, com a liberdade dos filhos de Deus, decidiram sair da diocese de Córdoba. Tinham o apoio do padre Ortiz que lhes indicou que fossem a Andújar, terra que pertencia a outra diocese. Foi um «êxodo» arriscado, feito de noite e à pressa.

«*Quem me meteu nestes labirintos?*», dizia Rafaela M^a quando se viu à frente da expedição noturna. «*Eu não tenho pretensões de fundadora.*» «Eu também não», respondia Dolores, «mas que havemos de fazer, se Deus nos meteu nestas andanças?». Dolores ficou em Córdoba para resolver qualquer problema que surgisse e dar resposta a quem se apresentasse.

Elas queriam ser as últimas e viram-se a abrir novos caminhos.

Fundadora

O Padre António morreu em Madrid de uma doença fulminante. A seu lado esteve a Madre Pilar. O grupo continuava em Andújar. Um padre jesuíta, o Pe. Cotanilla, ajudou o sacerdote nos seus últimos dias, e aceitou a responsabilidade de apoiar aquele grupo que lutava pela fidelidade à sua vocação e que não tinha ainda um caminho seguro.

As noviças mudaram-se para Madrid. A Madre Pilar tinha encontrado um pequeno andar na capital, na Rua da Bola. Como não tinham móveis, de noite estendiam os colchões no chão e, de manhã, arrumavam-nos para poderem movimentar-se pelo andar. Viviam assim a simplicidade do Evangelho, como Jesus em Nazaré e Belém.

O Padre Cotanilla ajudou-as a redigir uma petição dirigida ao Cardeal, pedindo licença para a fundação. «Que nome pomos no documento?», perguntou-lhes. Elas ainda não tinham pensado nisso.

Olharam umas para as outras. O Padre propôs: «Reparadoras do Sagrado Coração». Elas aceitaram. A autorização do Cardeal de Toledo chegou no dia 1 de Abril de 1877. Era o princípio.

A necessidade de espaço para o trabalho apostólico e de ar puro para superar todo o desgaste que os acontecimentos passados tinham suposto, levaram-nas a procurar uma casa melhor e mais ampla.

Rafaela Maria ficou doente por puro esgotamento e as mais novas também se ressentiram. Encontraram uma casa em Quatro Caminhos, nos arredores de Madrid, que, na época, era quase um descampado.

Ali fizeram os votos as duas fundadoras com mais cinco noviças, na Festa do Sagrado Coração. Foi um grande dia. Podiam olhar para trás e contemplar o caminho percorrido: a saída de Pedro Abad, o ano que tinham passado nas Clarissas, a convivência com as Reparadoras... mais tarde quando sozinhas, tinham sido obrigadas a fugir; a morte do Pe. António e a chegada a Madrid. Tudo era parte do caminho. Tudo era resposta dada em fé, esperança e amor.

Uns anos mais tarde, Dolores recordava estes acontecimentos e via muito claramente a mão de Deus: «O Coração de Jesus é o Dono do Instituto e d'Ele, acho eu, saiu a obra; Ele é quem a anima e a leva adiante. Ninguém teria cabeça para dirigir esses acontecimentos». A certeza de ser conduzido por Deus nasce e fortalece-se na fé. As duas irmãs evitavam ser o centro das atenções e reclamavam para si o humilde papel de serem apenas os alicerces.

O novo Instituto estava vivo. Os alicerces eram também raízes. A árvore cresceu e deu fruto.

O primeiro fruto foi Córdova. A terra das fundadoras reclamava-as. O Bispo recebeu-as com amizade e cedeu-lhes a Igreja de S. João dos Cavaleiros. Alugaram uma casa, pequena e feia, ao lado da Igreja, mas que tinha possibilidades de ser ampliada.

Quando Rafaela soube da notícia, não podia deixar de se lembrar de que tinha sido nesse mesmo lugar que ela, aos quinze anos, tinha feito voto de castidade. Sensível como ela era, soube ver na generosidade do Bispo um gesto pessoal de Jesus para com ela.

A nova casa do Instituto abria-se *«para dar glória a Deus, cumprindo os seus fins: Adoração do Santíssimo Sacramento, ensino gratuito a crianças pobres e outras obras que se expressam nas Constituições.»*

Quatro religiosas foram destinadas a Córdoba. Custou-lhes muito essa separação. Tinham sofrido e rezado juntas muitas vezes e por isso estavam muito unidas. O correio e as notícias eram frequentes, mas Rafaela tinha o coração como S. Paulo e, não resistindo mais, foi visitá-las. Apareceu de surpresa na festa do Sagrado Coração de Jesus e alegraram-se imenso durante os dias que estiveram juntas. Estavam todas muito animadas. Rafaela foi-se embora muito contente por as ver tão alegres e entregues à sua missão.

A árvore continuava a crescer rapidamente, mas Rafaela estava atenta e esforçava-se para que os ramos não se partissem, pois tudo era ainda muito novo e frágil.

Pediam-lhes fundações em muitas cidades, mas não convinha aceitar tudo. Fundou-se em Jerez, Zaragoza, e Bilbao. Muitas jovens tinham-se unido ao grupo inicial: aquele Evangelho tão vivido atraía como um íman.

As novas fundações obrigaram a mais separações. Surgiam situações que obrigavam a procurar novas respostas. Dolores começou a sentir dificuldade em aceitar a opinião da sua irmã quando esta não coincidia com a sua. Tinha sido sempre a mais velha e agora sentia a tendência para continuar a organizar a vida da sua irmã. Ao ser escolhida Rafaela como Superiora do novo Instituto, tinha-se mudado a ordem natural das coisas. Pilar aceitou o facto mas, na prática, sentia dificuldade quando se tratava de deslindar responsabilidades nos momentos em que as coisas não corriam bem.

A grande virtude que as duas irmãs tinham fazia com que se superassem as dificuldades, mas ia crescendo um certo ambiente de tensão que, no futuro, traria problemas muito graves.

O nome de «Escravas»

O Instituto ia-se desenvolvendo e consolidando. Tiveram que mudar de nome para evitar confusões com outras religiosas que tinham um nome muito parecido. Ainda que isto lhes custasse aceitar, rapidamente encontraram razões para admitir o nome que os responsáveis eclesiásticos lhes propunham: «Escravas do Sagrado Coração de Jesus».

Escreve a Madre Sagrado Coração: *«Esse nome tem muito significado – é a palavra que Nossa Senhora disse ao aceitar ser mãe de Jesus – e arrepia-me pensar na responsabilidade que este nome implica, embora a mim me seja exigido muito menos, dada a minha pequenez».*

E diz a Madre Pilar : «Pelo título de Escravas quis Deus dar-me um documento de que, como filha, sou Escrava e não me posso emancipar d'Ele. Este nome faz-me sentir o grande amor e segurança que Ele me dá; como um presente que me mostra que Ele me tomou irrevogavelmente para Si».

A Madre Pilar foi a Roma para tratar da aprovação definitiva da Congregação. «Enraizadas» ali seriam *«universais como a Igreja»*. A visão ampla do Instituto que tinha a Madre Sagrado Coração contrasta com a estreiteza de horizontes que caracterizava a sua época. Os seus desejos de universalidade, de catolicidade eram avançados para esse momento histórico. Mas ela percebia que *«todos os homens são filhos de*

Deus e todos custaram o Seu sangue». Queria trabalhar pelos «milhões e milhões de almas», «fazer que todos os homens conhecessem Jesus e O amassem.»

A Madre Sagrado Coração ficava em Espanha, à frente de tudo: das noviças, das irmãs, das novas fundações. Os seus grandes horizontes não desapareciam. *«Hei-de fazer da minha vida um contínuo acto de amor»*. Amar sempre. Como? *«Fazer felizes aqueles que nos rodeiam, esta é a verdadeira caridade»*.

E essa caridade levava-a, como São Paulo, a *«chorar com os que choram, rir com os que riem e abrasar-se com os que se queimam.»*

– Se tinha que corrigir, corrigia, mas partilhava as consequências com quem tinha cometido a falta – ainda que fosse jejuar três dias a pão e água com a cozinheira que, por falta de cuidado, tinha estragado toda a comida do dia.

– Se tinha que sorrir, sorria: Um dia, estava uma noviça com a vassoura na mão a olhar pela janela e de tão absorta que estava, nem se apercebeu que se aproximava Rafaela. «Que está a fazer, a olhar para a janela em vez de varrer?» «Estava a ver nevar» – coisa que nunca tinha visto. «Bem, filha, então continue.» E Rafaela sorria no seu coração ao ver que as suas filhas sabiam encontrar a beleza das coisas simples. Também Santo Agostinho se submergia na criação procurando a Deus, perguntando por Ele com admiração, e a beleza das criaturas era a sua resposta.

– Se tinha que aconselhar, aconselhava. Sabia fazer-se próxima, confiante, sem diminuir as exigências de um horizonte de santidade. *«A sua carta não me entristeceu, pelo contrário, alegro-me que tenha confiança em mim, e assim como lhe devo dizer a verdade, pode ter a certeza que os seus segredos são segredos... Trabalhe por humilhar-se e vencer*

as repugnâncias. Mais do que as penitências exteriores, estas são importantes para afinar a alma, como Deus o deseja para se unir a ela».

Mas viver o dia-a-dia não a descentrava do «**principal objectivo**» da sua vida: Jesus na Eucaristia. Reservava sempre para Deus as melhores e mais prolongadas horas do seu dia. «*O amor verdadeiro a Jesus*» – na Eucaristia – fazia com que, nos seus diálogos com Ele, não fossem necessárias as palavras : «*Ele olha para mim e eu olho para Ele*». *A Eucaristia era «um imenso mar sem fundo*», e ela mergulhava nele dando à sua vida o ritmo desse oceano de amor.

Depois da aprovação definitiva do Instituto, a Madre Sagrado Coração foi eleita Superiora Geral. De facto, sempre o tinha sido, mas não juridicamente. Esse passo oficial iria complicar as relações com a sua irmã mais velha. Ao mesmo tempo, escolheram a Madre Pilar para Assistente. Com mais três irmãs, deviam aconselhar e ajudar a Geral no seu governo. A dificuldade em saber deslindar responsabilidades seria fonte de problemas. Era uma nova estrutura organizativa.

Até então, as duas irmãs fundadoras tinham vivido unidas, como um só bloco. Para todas eram «As Fundadoras» embora Rafaela se tivesse dedicado preferentemente à formação e à direcção das comunidades e Pilar à administração, as duas eram igualmente queridas e respeitadas por todas as irmãs. Sempre as tinham considerado como exemplos a seguir.

Rafaela, que conhecia bem a sua irmã e as desvantagens de ser a mais nova, quis impedir que a nomeassem Superiora Geral mas, como dirá mais tarde: «*Deus Nosso Senhor permitiu que não o conseguisse*». E àquilo que ela via como coisa de Deus, respondia com «*tranquilidade, paz e alegria e grande confiança naquele que tanto nos quer e é tão*

poderoso». São palavras tiradas dos seus apontamentos que nunca foram teorias, mas sim experiências vivas.

Com esta disposição fez a sua Profissão Perpétua. Em 1890, dois anos mais tarde, viajava para Roma para fazer aí uma fundação. A árvore crescia. Os alicerces suportavam cada vez mais peso.

Um edifício sólido exige alicerces profundos

Até aqui as dificuldades que iam aparecendo a Rafaela, tinham-na feito crescer aos olhos de Deus e dos outros. Agora, todos os esforços para superar os problemas ficarão apenas no coração de Deus. O ideal da sua vida tornar-se-á realidade: *«formar a minha história só na mente de Deus com as minhas grandes obras ocultas.»* Consegui-lo-á a um preço muito elevado.

O temperamento de Rafaela era diferente do da sua irmã Dolores. Agora essas diferenças acentuavam-se. A Madre Sagrado Coração vivia apoiada em Deus Pai que está atento aos seus filhos, desse Pai que é onipotente e que gosta de satisfazer as necessidades de todos. *«O que Ele fazia pelas suas filhas era para fazer perder a cabeça»* – dizia Rafaela – e as suas expressões eram reflexo de uma experiência.

Um dia... nos livros de contabilidade, ao fazer uma revisão, apareceu um grande desequilíbrio económico. Tinha-se gasto mais dinheiro do que aquele que estava disponível. Isso era o que se constatava pelos livros, embora, na realidade, tenha sido simplesmente um engano – e não de Rafaela –, como se descobrirá mais tarde, muito mais tarde. Esse equívoco foi a primeira pedra que desencadeou toda a avalanche.

A intranquilidade da Madre Pilar pelos assuntos económicos foi-se contagiando às outras Consultoras que formavam o Governo. A desconfiança era cada vez maior e chegaram a convencer-se de que a Madre Geral não estava apta para um cargo de tanta responsabilidade. Quando se reuniam para tratar assuntos importantes, as coisas complicavam-se. A Madre Pilar tinha muita influência no Conselho, embora nem sempre se aceitassem os seus pontos de vista, e a situação era muito tensa para a Madre Geral.

A responsabilidade do seu cargo e a nobreza dos seus sentimentos faziam dessa situação um verdadeiro martírio. **«Se é cruz de Nosso Senhor, eu não quereria afastá-la de mim».**

Num retiro espiritual, por essa altura, contemplando Jesus na Cruz, sente-se identificada e compara:

– «Exteriormente...pregado com quatro grossos pregos, ou pelo menos, quatro chagas dolorosíssimas... Aplicando isto a mim, eu também estou pregada na minha cruz com quatro pregos bem dolorosos, embora inofensivos em si, por estarem postos, como os de Jesus, pela vontade do Pai Eterno. E o que fez Jesus? Amá-los apesar do sofrimento que lhe causavam. Que hei-de eu fazer? O mesmo».

«Quatro pregos». Poderia ela estar a referir-se às quatro Conselheiras? Rafaela sabia que essas eram as «chagas» que mais a faziam sofrer. Dizia que «os pregos» eram «inofensivos» Ela ama as suas irmãs porque tem fé... e vive na fé.

«Dentro de Deus devemos estar e d’Ele receber tudo»

Rafaela estava disposta a tudo para conseguir – *«um só coração e uma só alma... porque isto é o que rouba o coração de Deus»*. Apaixonada por Jesus, procurava dar-Lhe o que Lhe agradava. Era d’Ele – já o seu nome o dizia – e o seu estilo de vida era também o de Jesus.

Tentou tudo para conseguir que a deixassem renunciar ao seu cargo, porém não era isto ainda o que Deus queria para ela. Isso viria mais tarde. Mas antes disso, o Senhor queria ainda pedir-lhe mais coisas. Queria pedir-lhe tudo aquilo que só Deus pode atrever-se a pedir.

Foi-lhe proposto que continuasse a ser a Geral, mas delegando toda a sua autoridade na sua irmã Pilar. Ou dito de outra maneira: Rafaela Mãe teria que responsabilizar-se pelos actos de governo de outra pessoa sem ser consultada para nada. Era um convite a dar um salto no vazio e... ela saltou.

O programa que lhe propunham era: – escrever uma carta a todas as casas referindo apenas que, por negócios do Instituto, teria que deslocar-se a Roma e que deixava na Madre Pilar todos os poderes de governo durante a sua ausência.

Pediam-lhe para terminar uma obra de gestão com uma carta oficial, impessoal, sem clarificar, sem acrescentar uma palavra que reduzisse a tensão. Pelo Instituto, sim, a obra que Deus tinha colocado nas suas mãos. Para Roma longe de tudo e de todos... deixava tudo nas mãos da Madre Pilar, que sempre a tinha visto como «a pequena». Deixava tudo, talvez para sempre.

O salto não era fácil, mas ela lançou-se e cruzou a margem. Chegou a Roma. Pouco depois, escreve: «Recém chegada, encontrava-me numa

dessas lutas terríveis, recriminando-me porque, pelos meus pecados, não fazia nada pela Congregação. E senti no fundo da minha alma: tanto ou mais que antes, este é um trabalho eterno e de maior honra para ela (a Congregação)».

Passaram os meses. Depois da delegação temporal de poderes chegou a renúncia definitiva. Pediram-lhe essa renúncia porque as sabiam dispostas a tudo. A notícia chegou numa Sexta-feira Santa.

Como a Cristo, também a ela a tinham despojado de tudo. Como a Cristo, imobilizada na cruz, já não tinha capacidade para agir. No seu coração não faltaria a oração inaciana : «Tomai, Senhor, e recebei... tudo é vosso... dispõe de tudo... dai-me o vosso amor e Graça... que esta me basta».

Desde então, também a Madre Pilar viu que o panorama da Congregação era difícil de endireitar.

«Se for Santa faça mais pela Congregação do que trabalhando em obras de apostolado»

A Madre Pilar era a nova Superiora Geral. Rafaela M^a já não tinha nenhuma responsabilidade no governo do Instituto.

Recordemos os anos passados: Rafaela tinha vinte e sete anos quando começou a sua vida religiosa. Tinha trinta e sete anos quando foi eleita Superiora Geral. E agora, aos quarenta e três renuncia a tudo. Desde esse momento, o que fica para a história desenvolve-se no seu coração, será a história da sua alma. Ficam trinta e dois anos de silêncio para os homens e toda uma vida de amor para Deus.

Ela, como São Paulo, esquecendo o passado tem os olhos postos em Cristo. A sua meta será Cristo crucificado. Em Pedro Abad, a sua vida era como uma torrente cheia de força. Agora, fora do seu leito, esse rio tinha-se transformado numa corrente subterrânea que, escondida, leva a vida sem ver a luz. Sem reflectir as estrelas. Sem conhecer as árvores que mergulham nela as suas raízes. É uma transformação que custa sangue, é redenção, reparação. Sabe-se fecunda, mas é duro viver na fé, sentindo nas veias toda a força de um espírito maduro.

Em 1894, a Madre Sagrado Coração pedia à Superiora *«que a encarregasse de algo em que tivesse de se movimentar muito. Isso não só lhe dava vida como, em consciência, lhe era necessário para ultrapassar a sua situação, pois queria deixar de pensar e desejava evitar centrar-se nela»*.

Durante um jantar, lia Rafaela para toda a comunidade um trecho da vida de S. José de Calasanz. Quando chegou a passagem em que se conta como os religiosos da sua congregação, para lhe tirarem o cargo de Geral, quiseram fazê-lo passar por louco, embargou-se-lhe a voz como num soluço e não pode continuar. Ela estava a viver uma dor semelhante.

Integrar bem essas feridas sem se amargurar, sem fraquejar, sem deixar que se apague o sorriso, ainda que os olhos se inundem de lágrimas, é coisa que só os que querem ser santos sabem fazer. A Madre Sagrado Coração ia por esse caminho.

Durante uns Exercícios Espirituais, a Comunidade ouviu-a dizer de joelhos com uma voz lenta e serena, como se quisesse gravar cada uma das palavras que ia pronunciando:

«Nestes dias de graça e misericórdia do nosso Salvador Jesus, Ele fez-me conhecer melhor a minha debilidade e miséria, inspirando-me a confessá-la aqui, diante de vós, para implorar a ajuda das vossas orações, a fim de que, pelo menos, possa agora santificar a minha alma com o exercício das virtudes na vida oculta, já que pela minha incapacidade e imperfeição não pude ajudá-las e dirigi-las quando tinha o cargo para o fazer; e tive que renunciar a esse cargo para não me tornar mais culpada diante de Deus nem privar-vos de uma ajuda mais eficaz».

«É minha vontade nesta ocasião, implorar o vosso perdão pela má edificação que lhes dei naquele tempo e pelos desgostos que lhes provoqueei com a minha conduta».

«Roguem por mim e alcancem-me a graça de as compensar com os exemplos de uma vida santa e perfeita».

Era impossível adivinhar até onde queria chegar a Madre Sagrado Coração humilhando-se deste modo. Na verdade, estava louca... com a loucura de Paulo. Só conhecia a Cristo crucificado.

Meses depois escrevia a um familiar: *«SOU, PARA TODOS OS EFEITOS, A PESSOA MAIS FELIZ,... quanto devo ao Senhor!»*. Sem comentários. Tinha ancorado em Deus. Seja qual for o ponto de vista por onde se quisesse olhar, ela era uma mulher feliz.

«Deus ama-nos como à menina dos seus olhos»

Em 1844, a história repetia-se, unindo as duas irmãs ao fazê-las passar pelo mesmo caminho. A mesma nuvem escura que tinha envolvido Rafaela, cobria agora a sua irmã. Também à Madre Pilar as Conselheiras lhe complicavam a vida.

Pilar escreveu, um dia, à Madre Sagrado Coração contando-lhe tudo e pedindo-lhe que a ajudasse e lhe desse força. Esta respondeu-lhe: *«Já há muito tempo que peço para si uma grande força porque me apercebo de que já chegou a hora... É preciso abraçar a própria cruz sem amargura, como tem feito, vendo tudo como vindo de Deus, que tanto nos quer...»*

Rafaela acompanhou passo a passo a história de fidelidade da sua irmã: *«prescindir de tudo, agarrar-se só a Deus, procurá-Lo só a Ele, aceitar os seus critérios.»*

A Madre Pilar teve que renunciar ao Governo tal como a irmã. O motivo era semelhante: também ela não parecia apta para o cargo. Na verdade, os alicerces estavam bem no seu lugar, enterrados e bem pisados... suportando tudo.

A nova mudança de Superiora fez-se em Roma e naquele dia Dolores e Rafaela viveram juntas e ao mesmo ritmo aquele acontecimento. Ficou a substituí-la a Madre Puríssima. Era o ano de 1903.

Dolores retirou-se para Valladolid, em meados de Maio, e as terras de Castela pareciam inundadas de sol e de trigo. A riqueza daquele nobre temperamento foi também amadurecendo até se tornar como uma

espiga... Que boa recordação deixou àquelas que conviveram com ela naqueles anos de luta contra si própria! As dificuldades dessa conquista reflectiam-se nas cartas que as irmãs trocavam entre si.

Escrevia Rafaela: *«Eu, se fosse a si, desinteressava-me por completo de tudo o que pertence à Congregação e que expressamente não me mandassem fazer... Deus ajudá-la-ia muitíssimo mais a suportar tantas penas».*

Respondia Dolores: «Procuro gravar no meu coração todos os seus conselhos. Para o conseguir tento viver como surda, cega e muda... Pode ter a certeza de que eu, ainda que com faltas, não quero outra coisa senão a vontade de Deus...». «Já me vou parecendo consigo, ao não querer escrever a ninguém, para me acomodar à situação de súbdita em que Deus me colocou... E vivo tão contente, no que a mim me diz respeito, como nunca o senti tanto, nem sequer em casa...»

Viver como surda, cega e muda, não significava ser surda, cega e muda. Significava: ouvir e acalmar as vozes; ver e apagar as imagens; falar e não dizer «aquilo». Viver «como se não vivesse», isto é, superar-se a si mesmo.

Em 1906, a Madre Vigária, que substituíra a Madre Pilar, é nomeada Geral e faz uma viagem por Espanha. Acompanha-a a Madre Sagrado Coração. Havia muito tempo que nessas terras se reclamava a sua presença.

Em todas as casas que visitou, receberam-na de braços abertos e em todas deixou a melhor recordação. Foi modelo de simplicidade, de alegria e de santidade concreta. Ter-lhe-ia sido fácil trazer à superfície recordações que teriam ajudado a reconhecer os seus anos escondidos e os méritos acumulados. Não, nunca disse uma palavra sobre tudo isso, deixando-o esquecido para trás.

À sua passagem por Córdoba, os seus familiares resignados por não a terem mais perto, contentaram-se em tirar-lhe tudo o que puderam para ficarem com uma recordação sua.

Rafaela desejava intensamente ir a Valladolid. Ali estava a sua irmã Pilar; queria dar-lhe um forte abraço para lhe expressar que estava muito unida a ela naqueles dias de martírio. Não chegou a autorização necessária e teve que voltar a Itália, deixando por visitar as três casas que faltavam. O sacrifício foi grande para as duas.

Durante a passagem pelas comunidades alegrou-se muito, mas não era cega e... *«verifiquei, com grande dor, que o espírito de caridade e simplicidade no trato se está a perder... e a quem o conheceu e o formou, ainda que indigna, se lhe despedaça o coração, que é como eu o tenho sempre.»* Estas linhas, extraídas de um relatório dirigido à Cúria Romana, dão-nos uma ideia da real sensibilidade da Madre Sagrado Coração e da sua grande firmeza na fé.

Em Julho de 1906 estava de novo instalada em Roma. Nessa data, deveria reunir-se ali a Congregação Geral. Poucos meses antes de começarem as reuniões, sugeriram a Rafaela que renunciasse ao seu direito de participar na Junta e se retirasse de Roma durante aqueles dias... «para evitar a emoção que as reuniões poderiam provocar-lhe».

Estava bem claro que o argumento usado não tinha qualquer validade. Maior e mais dolorosa emoção seria para ela ver-se afastada tão injustamente. No entanto, não discutiu. Esteve na casa de Bolonha enquanto duraram as sessões.

O resultado daquela Junta foi a eleição da Madre Puríssima como nova Geral, agora definitivamente. As duas Fundadoras ficavam, desde

aquele momento, totalmente afastadas da direcção da sua obra. Os alicerces estavam agora «legalmente escondidos».

A Madre Puríssima tinha sido noviça da Madre Sagrado Coração; tinha conhecido a época difícil de Madrid e tinha também sido definida por Rafaela, como «*prego inofensivo*» quando Deus a quis crucificar. Agora era a Superiora Geral daquela Congregação que tão boas raízes de santidade tinha. O Instituto continuaria a crescer nas suas mãos, nas mãos de Deus que conduz os caminhos da História como só Ele o sabe fazer.

«Quero ser este ano a alegria do Senhor»

Este foi o propósito de Rafaela no ano seguinte a esses últimos acontecimentos. A história, os acontecimentos mais ou menos dolorosos que se sucediam, já não podiam perturbar a sua serena relação com Deus. Isso não significava que o sofrimento tivesse endurecido a sua sensibilidade – as irmãs continuavam a ser «*carne da sua carne e ossos dos seus ossos*», como dizia numa carta – no entanto ela já tinha cruzado todas as fronteiras.

Quando a Madre Sagrado Coração tinha já mais de sessenta anos, escreveu: «*Ajude-me para que me converta de verdade, pois já estou a envelhecer e em breve terminarei a minha carreira, e gostaria de acabar agradando ao nosso Deus*».

Converter-se a sério? Se toda ela estava voltada para Deus! A sua vida só tinha uma finalidade: dirigir-se para Deus. Quem olhasse para ela percebia logo um caminho para Deus e as marcas desse Deus em toda a sua história. Na realidade, a sua existência

estava pulverizada. Que restava? Que lhe faltava ainda entregar? A vida física, era a única coisa que ainda tinha.

Um martírio lento de quase oito anos, com tempo para tomar a própria existência nas mãos, elevá-la lentamente para Deus, e oferecer-lha humildemente.

Rafaela morrerá assim, devagar, sem barulho. Com uma simplicidade heróica. Morrerá gota a gota, não para atrasar o momento, mas para seguir o ritmo de Deus. Ela sonha como Paulo, romper amarras e desprender-se de tudo para estar com Cristo, cara a cara. Sonha em voz alta e as que a acompanham vibram com os seus desejos. A sua fome de Deus contagia.

A doença detectou-se em 1918 da seguinte maneira: as irmãs começaram a notar que a Madre Sagrado Coração coxeava um pouco ao andar. Perguntavam-lhe o que se passava e ela respondia que era apenas uma pequena ferida no joelho.

Obrigaram-na a tratar-se. Passavam os dias e a ferida continuava a supurar. Fechava sempre só na superfície. «Como vai isso?», perguntavam... «Bem, já está praticamente curado». E lutava, com brio, para defender o seu trabalho diário.

A sua ajuda na casa ficou limitada a um cesto cheio de roupa para coser. Era impossível fazer outra coisa; ela teria que ir diminuindo o ritmo da sua actividade.

As suas cartas transmitiam ternura. Um sobrinho que não a conhecia pediu-lhe, um dia, uma fotografia. Ela não tinha tirado nenhuma fotografia desde que se tinha feito Escrava, mas teve uma ideia: «*Se for*

para o céu antes de ti, lá pedirei a S. Pedro que me permita abrir-te a porta e então nos conhecemos; que alegria!».

E continuava sempre a ter pequenas atenções extraordinárias para com todas. Rafaela morria da vontade de ver a Deus; podia-se dizer que estava «mais lá, do que cá». Esse Deus definitivo seria magnífico para ela. Sonhava com o céu... e escrevia: *«Eu não me esqueço de nenhuma irmã, especialmente das minhas velhinhas. E alegro-me quando penso que, em breve, estaremos reunidas para nunca mais nos separarmos... Então poderemos conversar muito sobre a misericórdia de Deus!».*

Rafaela tinha fome de Deus e sentia uma necessidade vital de estar com Ele, mas dizia que queria ir lá para cima *«para conversar com as suas velhinhas»*. Falar, conversar... comentários cheios de confiança. Conversar... sobre as misericórdias de Deus. Não sobre a sua história nem a sua cruz. Conversar com as amigas, com as irmãs... Conversar no céu, de Deus! Como Maria e José comentavam em Nazaré que o seu Filho era extraordinário e que Deus era maravilhoso.

Pensar que, pela pura misericórdia de Deus, ela tinha no céu um lugar preparado por aqueles amigos que já tinham morrido, *«dava-lhe vontade de cantar»*.

Em 1922 já não sai do quarto; a infecção estende-se e complica-se com uma erisipela. A inflamação tinha-se estendido até ao pescoço. Está gravemente doente e administram-lhe o Viático. A sua ânsia de céu concentra-se no seu olhar e nas palavras de adeus.

Pede perdão, renova os votos. Termina a fórmula desta consagração com as palavras: *«... assim como me deste graça para o desejar e oferecer, dai-ma também abundante para o viver»*. À volta da sua cama

estão várias irmãs da casa. Ela olha para todas com carinho, lentamente, e nelas vê todas as suas «filhas». Sentia-se mãe. Viu também as catorze valentes que se tinham refugiado em Andújar, e as noviças que, em Madrid, tinham sabido aceitar as necessidades, porque estavam centradas em Deus. Sentiu, também, junto dela aquelas que não conhecia mas que viviam um mesmo ideal, e terminou a sua oração pedindo: **«Graça para o viver... para todas as minhas IRMÁS».**

Apoiada na sua própria debilidade – não tinha outra coisa –, conseguiu recompor-se um pouco. Que tortura aquela nova espera! «Volte amanhã!», pareciam repetir os segundos que martelavam no relógio. A porta parecia aberta, mas... «Volte amanhã!»

Os tratamentos deste «amanhã» que se prolongava eram dolorosíssimos. Pelo buraco da ferida introduziam-lhe um metro de gaze, que depois retiravam empapada em pus. Ela não se queixava, apertava os lábios, fechava os olhos e ia ficando cada vez mais pálida. **«Avise-me quando acabar»** e não dizia nada mais; fortalecia-se no silêncio. «Já está, Madre». **«Deus lhe pague».**

Desde Maio de 1924, já não se mexia da cama para nada. Mudaram-na de quarto. Agora podia acompanhar as missas que se celebravam no oratório sem ter que se levantar. Havia uma porta que comunicava com o seu quarto e, abrindo-a, acalmava-se um pouco a sua fome de Deus, que cada dia era mais intensa.

As operações repetiam-se, sem se conseguir acabar com a infecção. No fim do ano, foram-lhe administrados outra vez os Sacramentos e teve oportunidade de falar com a Madre Geral – Madre Puríssima – sua antiga noviça. As poucas frases que trocaram entre si revelaram, como sempre,

a sua virtude tão simplesmente sobrenatural. Nunca se lhe ouviu uma censura, nem uma palavra, nada. Todo o passado tinha sido esquecido.

– «Como está, Madre?

– «*Mal. Por dentro sinto-me já morta, por isso não quero deixar de me despedir de si.*»

– «Olhe, Madre, pode ser que ainda reaja, como outras vezes, De qualquer maneira, a Madre e eu estamos em primeira fila».

– «*Não tenha pena, Madre, porque no céu vamos estar as duas unidas para a eternidade.*»

– «O Senhor – acrescentou a Madre Geral – deu-lhe o consolo de ver a Congregação tão florescente».

– «*Ai sim! Para mim é um consolo ver como se desenvolveu o Instituto. Quanta gente nova! E que boa!*»

O seu testamento:

«*Madre Puríssima, sejamos humildes, humildes, humildes, pois assim atrairemos as bênçãos de Deus*» para o Instituto.

Chegou o dia de Reis. O fio de vida que a sustentava estava gasto. Não teve forças para dizer as últimas palavras àquele que tinha sido o seu director espiritual. Foi o último elo do seu grande silêncio. As horas pareciam ter medo, avançavam devagar. Ouviam-se – no coração – as palavras de Paulo a Timóteo: «Estou pronto a ser sacrificado, o momento da minha partida está iminente. Lutei o bom combate, corri até à meta, guardei a fé. Está reservada para mim a coroa de justiça com que o Senhor me recompensará...».

Partida iminente. Sim! Sem amarras! Davam as seis da tarde, era a hora do encontro de cada entardecer, o momento da Bênção do Santíssimo na Igreja.

Epílogo

Tinha terminado o tempo de espera; o nevoeiro tinha-se levantado e podiam ver-se as estrelas.

A Madre Sagrado Coração morreu dois meses antes de fazer setenta e cinco anos. A sua vida preencheu um espaço e um tempo e, no entanto, ultrapassou esses limites, como a própria Igreja o admitiu. Em 1977 foi proclamada santa, o que quer dizer que se reconheceu, pública e universalmente, que o AMOR tinha sido o motor da sua vida e a sua única resposta a tudo e a todos.

Quando Rafaela falava de Deus, fazia-o a partir da sua própria experiência, e essa certeza vital do amor pessoal de Deus por ela fez com que, ao longo da sua vida, procurasse sempre dar uma resposta adequada a esse amor. Estivesse onde estivesse e fizesse o que fizesse, a sua meta era sempre *«corresponder ao imenso amor de Deus»*.

Ela quis *«escrever a sua história só na mente de Deus»*, e conseguiu-o. E nós, só olhando para Deus poderemos descobrir o valor do seu testemunho: uma vida em que o amor, a fé e a esperança compuseram a música que a fez cantar.

Barcelona, 1998

